

## BAKUNIN, A ALIANÇA E A INTERNACIONAL

A quem nos pergunte que motivo tem a existência da Aliança<sup>1</sup> uma vez que já existe a Internacional, respondemos: a Internacional é, desde já, uma magnífica instituição; é, inegavelmente, a mais bela, a mais útil, a mais bem feita criação de nosso século. Foi criada a base da solidariedade dos trabalhadores de todo o mundo. Foi-lhes dado um princípio de organização através de todos os Estados e à margem do mundo dos exploradores privilegiados. E fez mais ainda: hoje ela já contém os primeiros germes da futura organização da unidade, e ao mesmo tempo ela deu ao proletariado de todo o mundo a percepção do seu próprio poder.

São, é claro, imensos os serviços que ela prestou à grande causa da revolução universal e socialista. Mas ela não é uma instituição suficiente para organizar e dirigir a revolução. Todos os revolucionários que tomaram parte ativa nos trabalhos da Internacional, em qualquer país, desde 1864 – ano de sua fundação – estão convencidos disso.

A Internacional prepara os componentes da organização revolucionária, mas não a organização revolucionária em si. Ela os prepara para a luta pública e legal dos trabalhadores solidários de todos os países contra os exploradores do trabalho – capitalistas, proprietários e empresários industriais – mas nunca vai mais além. A única coisa que faz fora esta obra, por si só tão útil, é a propaganda teórica das idéias socialistas entre as massas. Em poucas palavras, a Internacional é um espaço sumamente favorável e necessário para a organização revolucionária, mas não é a organização revolucionária em si. A Internacional admite em seu seio, sem distinção de crenças políticas ou religiosas, todos os trabalhadores honrados com a única condição de que aceitem, com todas as suas conseqüências, a solidariedade da luta dos trabalhadores contra o capital burguês, explorador do trabalho. Esta é uma condição suficiente para separar o mundo dos trabalhadores do mundo dos privilegiados, mas insuficiente para dar ao primeiro destes mundos uma orientação revolucionária.

Os fundadores da Associação Internacional procederam com suma sabedoria ao eliminar desde o primeiro momento da Associação todos os assuntos políticos e religiosos. Não há dúvida nenhuma de que não careciam de opiniões políticas e anti-religiosas bem definidas, mas se abstiveram de incluí-las no programa, pois sua finalidade principal estava antes de tudo em reunir as massas operárias de todo mundo civilizado dentro de uma ação comum.

Necessariamente tiveram que buscar uma base comum, uma série de princípios simples a respeito dos quais todos os operários – fossem quais fossem suas idéias políticas e religiosas, com tanto que se tratassem de operários sérios, quer dizer, de homens duramente explorados e sofredores – estivessem de acordo. Se houvessem desfraldado a bandeira de algum sistema político ou anti-religioso, longe de reunir a todos os operários da Europa, os dividiriam ainda mais. Se por acaso a simples palavra ateísmo houvesse sido incluída no estandarte da Internacional haveria podido a Associação reunir em seu seio sequer duas centenas de aderentes? Todo mundo sabe que não. E não porque o povo seja realmente religioso, e sim porque acredita sê-lo, e haverá de seguir acreditando enquanto uma boa revolução social não lhe proporcione meios para acabar com estas aspirações ilusórias.

A Aliança é o necessário complemento da Internacional. Mas a Internacional e a Aliança, ainda quando têm a mesma finalidade, ao mesmo tempo perseguem objetivos diferentes. Uma tem a missão de agrupar as massas operárias, os milhões de trabalhadores, através dos diferentes países e nações, através das fronteiras de todos os Estados; a outra, a Aliança, tem a missão de dar a estas massas uma orientação realmente revolucionária. Os programas de uma e de outra, sem que de modo algum sejam opostos, são diferentes pelo grau de seu respectivo desenvolvimento. O da Internacional, se o tomamos com toda a serenidade que exige o caso, contém o germe, mas só em germe, todo o programa da Aliança. O programa da Aliança é a explicação última do programa da Internacional.

Não podemos nem queremos unir outro exército que não o do povo. Mas como fazer para que a massa se levante unida e simultaneamente, que é a única condição sobre a qual pode vencer? E sobretudo, como fazer para que as massas, ainda que eletrizadas e sublevadas, não se percam nem se paralitem devido a seus movimentos opostos? Fica evidente que esse trabalho não é de um homem só, que uma empreitada tão difícil só pode ser levada a bom termo graças a ação de muitos homens mancomunados. Mas para isso, é necessário antes de tudo que eles se entendam entre si e dêem as mãos a fim de levar a cabo sua obra em comum. E como esta tem uma finalidade prática, revolucionária, o entendimento mútuo, que é sua condição necessária, não pode fazer-se de maneira pública; se assim o fosse atrairia contra seus iniciadores as perseguições de todo o mundo oficial e oficioso, e estes se veriam dominados antes de poder mover um

---

<sup>1</sup>Aliança da Democracia Socialista, organização política da qual Mikhail Bakunin e outros militantes da ala federalista da AIT faziam parte.

dedo.

Nunca se deve renunciar ao programa revolucionário claramente estabelecido, nem pelo que tange à forma, nem pelo que tange a sua substância. As reticências, as meias verdades os pensamentos castrados e as complacentes atenuações e concessões de uma diplomacia covarde não são os elementos com que se formam as grandes coisas; estas só se formam com corações de espírito justo e firme, com uma finalidade claramente determinada e com uma grande valentia.

Sabemos que em política não há prática sincera e útil possível sem uma teoria e uma finalidade claramente determinada. Não cabe dúvida de que o número de nossos aderentes será maior se evitarmos precisar nosso real caráter. Mas já disse o provérbio que quem muito abarca pouco abraça: compraríamos todas estas preciosas adesões ao preço de nossa completa aniquilação. E entre tantos equívocos e frases que hoje envenenam a opinião pública da Europa, seríamos apenas uma mentira a mais.

Que as autoridades revolucionárias deixem de fazer frases, mas tendo uma linguagem tão moderada e pacífica quanto se queira, que façam a revolução. Justamente o contrário do que as autoridades revolucionárias têm feito até agora em todos os países. Com bastante freqüência tem sido excessivamente enérgicas e revolucionárias em sua linguagem e muito moderadas, para não dizer reacionárias em seus atos. Até poderia dizer que, quase sempre, a energia da linguagem lhes tem servido de máscara para enganar ao povo, para ocultar dele a debilidade e a inconseqüência de seus atos.

Nós, bem ou mal, conseguimos formar um pequeno partido; pequeno em relação ao número de pessoas que aderiu a ele com conhecimento de causa, mas imenso com respeito a seus aderentes instintivos, a estas massas populares cujas necessidades representamos melhor que qualquer outro partido. Agora deveremos navegar todos juntos no oceano revolucionário, e daqui para frente devemos propagar nossos princípios, não com palavras, mas com fatos, porque afinal é a mais popular, poderosa e irresistível forma de todas as propagandas.

Não pensem que eu estou advogando em prol da anarquia absoluta nos movimentos populares. Uma anarquia como essa não seria nada mais que a completa ausência de pensamento, de finalidade e de conduta comum, e necessariamente haveria de desembocar em uma impotência geral. Tudo o que existe, tudo que é viável, se produz dentro de certa ordem, que lhe é inerente e que demonstra o que há em si. Os revolucionários políticos, os partidários da ditadura ostensiva, recomendam, uma vez que a revolução tenha obtido sua primeira vitória, o apaziguamento das paixões, a ordem, a confiança e a submissão aos novos poderes estabelecidos. Desta maneira reconstituem o Estado.

Para que se possa atuar é necessário que exista uma organização, e para isso é necessário prepará-la e organizá-la antecipadamente, pois não se fará por si só, nem por discussões, nem por exposições e debates de princípios, nem por assembléias populares. Por mais inimigo que seja do que na França se chama disciplina, reconheço que uma certa disciplina, não automática mas sim refletida, é e será sempre necessária cada vez que muitos indivíduos, livremente unidos, empreendam um trabalho ou uma ação coletiva; não importa qual.

Em tais casos a disciplina não é nada mais que a concordância voluntária e reflexiva de todos os esforços individuais rumo a um fim comum. No momento da ação, em meio à luta, os papéis se dividem naturalmente segundo as aptidões de cada um, apreciadas e julgadas por toda a coletividade: uns dirigem e mandam, e outros executam ordens. Mas nenhuma função se petrifica, se fixa, nem permanece irrevogavelmente aderida à pessoa. A ordem e a promoção hierárquicas não existem, de maneira que o comandante de ontem pode ser o subalterno de hoje. Nesse sistema já não tem, a rigor, poder. O poder se funde na coletividade e se converte em sincera expressão da liberdade de cada um, na realização fiel e séria da vontade de todos. Todos obedecem somente porque o chefe de cada dia não ordena senão o que todos querem. Tal é a disciplina verdadeiramente humana, a disciplina necessária para a organização da liberdade. A unidade viva, verdadeiramente poderosa, e a que queremos todos, é a unidade que a liberdade cria nas entranhas das diversas e livres manifestações da vida, expressando-se pela luta.